

As Situações de Racismo e Branquitude Representadas na Telenovela “Da Cor do Pecado”¹

Luciene Cecilia Barbosa²

Doutoranda em Ciências da Comunicação – ECA/USP

Resumo: Este trabalho pretende analisar as situações de racismo e branquitude representadas na telenovela “Da Cor do Pecado”. Ouve-se falar muito do comportamento e da reação das vítimas do racismo, no entanto, paira um silêncio ao redor do racista. “Da Cor do Pecado” nos proporciona elementos para fazermos inúmeras leituras sobre relações raciais, mas nos limitaremos a analisar os comportamentos das personagens Bárbara (Giovanna Antonelli) e Afonso Lambertini (Lima Duarte). O objetivo deste trabalho é, a partir da ficção, indicar a importância de focar também o comportamento do branco nas relações raciais, pois, na maioria dos estudos, o enfoque tem sido somente o negro. Vivemos numa sociedade multirracial, e a superação de comportamentos pautados pelo racismo e pela branquitude só será possível por meio de uma tomada de consciência de ambos os envolvidos - os discriminados e os discriminadores.

Palavras-Chave: Ficção; Realidade; Branquitude; Racismo; Relações Raciais.

Introdução

Enquanto uma classe normalmente só pede informação à televisão, porque vai buscar em outra parte o entretenimento e a cultura, no esporte, no livro e no concerto, outras classes pedem tudo isso só à televisão³.

Não é possível desconsiderar a influência que os meios de comunicação exercem sobre a vida das pessoas, sobretudo a televisão e, precisamente, a telenovela. MARTÍN-BARBERO⁴ destaca a importância e a influência da mídia no processo de socialização :

Nem a família, nem a escola - velhos redutos da ideologia - são já o espaço chave da socialização, "os mentores da nova conduta são os filmes, a televisão, a publicidade", que começam transformando os modos de vestir e terminam provocando uma "metamorfose dos aspectos morais mais profundos”.

Os estudos comprovam que a telenovela, muito mais que entretenimento, é um espaço de informação que propicia reflexões sobre temas polêmicos da sociedade, como homossexualidade, racismo, drogas e violência, entre outros. A telenovela brasileira, por exemplo, tem características específicas, o que a diferencia do modelo tradicional, como o dramalhão mexicano, por exemplo, no qual muitos autores limitam-se à fantasia e ao

¹ Trabalho apresentado ao NP 14 – Ficção Seriada, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Mestre e Doutoranda em Ciências da Comunicação – ECA/USP. Professora e Pesquisadora sobre questões raciais em Teledramaturgia. E-mail: lucecil@ig.com.br

melodrama. Os dramaturgos brasileiros vão além do modelo tradicional e, por intermédio da telenovela, têm trazido à tona discussões sobre muitos conflitos sociais presentes no cotidiano, os quais fazem parte da realidade brasileira. Ao referir-se às peculiaridades da telenovela brasileira em relação às demais, MOTTER⁵ faz relevantes considerações:

Produtos típicos da indústria, como os da Televisa, convivem, sob igual denominação, com criações artísticas que carregam marca autoral e propostas que transcendem o melodrama, a simplificação narrativa, a linearidade das personagens, a economia cênica e se firmam como dramaturgia de grande qualidade. Para esta última temos insistido na denominação telenovela brasileira, por se caracterizar pelo cuidado com todos os aspectos envolvidos no processo de produção, entendido como o espaço que vai da arte de fazer bons roteiros, sobre bons temas, para bons atores, qualidade que se expressa na requintada produção audiovisual com todas as implicações de preparação, elaboração e acabamento nas diferentes etapas produtivas.

A importância da telenovela no cotidiano das pessoas é um fato consolidado. Justifica-se, portanto, a pertinência de tantos estudos relacionados a esse gênero ficcional, parte integrante da cultura e da história brasileira. Este trabalho pretende focalizar, ainda que, de maneira restrita, o universo das relações raciais presentes no cotidiano e representados na ficção.

A discussão sobre as relações raciais tem conquistado espaço nos meios de comunicação, na televisão, na publicidade, enfim, na mídia, e, ainda que de maneira restrita, os negros vêm conquistando seu espaço. Nas telenovelas, por exemplo, embora timidamente, o negro tem marcado sua presença, e situações típicas de relações inter-raciais, como miscigenação, racismo, discriminação, preconceito, branqueamento e branquitude têm sido representadas e, algumas vezes, discutidas.

Pretendo neste trabalho analisar situações de racismo e branquitude retratadas na telenovela “Da Cor do Pecado”, do autor João Emanuel Carneiro, exibida pela Rede Globo, diariamente, às dezenove horas. Neste trabalho utilizaremos a definição de racismo baseada na crença da hierarquia entre as supostas raças humanas. Ressaltando que, biologicamente, hierarquia racial inexistente, no entanto, no imaginário coletivo, a idéia persiste. De acordo com MUNANGA⁶:

O racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.

Na perspectiva desta pesquisa, branquitude pode ser entendida a partir da representação do branco como modelo universal de humanidade. FRANKENBERG⁷ define branquitude a

partir do significado de ser branco, num universo racializado: “um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê aos outros e a si mesmo; uma posição de poder não nomeada, vivenciada em uma geografia social de raça como um lugar confortável e do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não atribui a si mesmo”.

A branquitude, enquanto "lugar" de sujeitos sociais, proporciona uma situação de conforto. A preservação da individualidade e a hierarquia racial nunca são questionadas, ou verbalizadas. Diante da interação ou relação com outros grupos: de negros, indígenas ou descendentes de asiáticos, os considerados brancos tendem a ver mais as condições do outro do que a sua própria condição de classe, gênero ou idade. Ser branco é ser racialmente neutro, transparente. PIZA⁸ exemplifica:

Ao grupo de descendentes de asiáticos – japoneses, chineses, coreanos – os quais são chamados a responder pelo estereótipo da inteligência e do sucesso profissional. Se um falha, alguém sempre vai se lembrar de que “japoneses” são superinteligentes e bem sucedidos. Então, por que você falhou?”. Mas, se uma pessoa estiver estacionando o carro em lugar proibido, alguém pode sempre lembrar que “só negros fariam isso!”.

Entretanto, entre brancos, falhar nas expectativas que se formam em torno de alguém ou cometer uma infração de trânsito levará um palavrão pelas costas, que poderá, no máximo ofender a mãe preposta para estas ocasiões, mas jamais o conjunto dos brancos, o grupo racial ao qual pertence. A expectativa para os três sujeitos é determinada pela sua racialidade, mais apenas dois são racializados – o japonês e o negro. O branco preserva sua individualidade.

Esteréotipos na Telenovela

É comum na telenovela o negro aparecer de forma estereotipada. “Isto é, colhem-se aspectos do real já recortados e confeccionados pela cultura”⁹. O processo de estereotipia apodera-se da vida mental dos indivíduos. São os estereótipos, arraigados na cultura brasileira, construídos ainda na época da escravidão, baseados em teorias racistas, que perpetuam até os dias atuais, que estão presentes no imaginário da sociedade, e podem ser identificados também na ficção.

A telenovela é, pois, a narrativa que veicula representações da sociedade brasileira, nela são atualizadas crenças e valores que constituem o imaginário dessa sociedade. Ao persistir retratando o negro como subalterno, a telenovela traz, para o mundo da ficção, um aspecto da realidade da situação social da pessoa negra, mas também revela um imaginário, um universo simbólico que não modernizou as relações interétnicas na nossa sociedade¹⁰.

As situações polêmicas envolvendo negros e brancos, algumas vezes, saem da telenovela para continuar no mundo real. Temas como miscigenação, racismo, preconceito, branqueamento e branquitude, mesmo que, não intencionalmente, têm sido retratados por alguns autores. Pode-se destacar, neste caso, uma das mais polêmicas telenovelas a abordar, até hoje, a questão do racismo abertamente: “Pátria Minha”, de Gilberto Braga, que foi ao ar

em 1994, pela Rede Globo. A atitude do personagem vivido por Tarcísio Meira (branco), em “Pátria Minha”, um homem autoritário e preconceituoso, rendeu na vida real problemas para a emissora e para o autor da obra teledramatúrgica, pois as cenas vividas por Raul Pellegrini (Tarcísio Meira) e seu jardineiro, o rapaz negro Kennedy (Alexandre Moreno), chocaram o País. O personagem de Tarcísio Meira afirma em seu discurso que existe uma hierarquia entre o cérebro do negro e do branco, ou seja, o negro seria inferior ao branco. Tal comportamento é característico do racista, pois a personagem apodera-se de diferenças biológicas e físicas para forjar uma suposta hierarquia racial.

Comportamentos como o do personagem Raul Pellegrini estão também presentes fora da ficção. Podemos encontrar uma série de trabalhos, ditos científicos, pautados em teorias racistas que hierarquizam a raça humana. Coincidentemente, na mesma época em que as cenas de “Pátria Minha” foram ao ar, em 1994, havia sido publicado o polêmico livro *Bell Curve*, nos Estados Unidos, pelos professores norte-americanos Charles Murray e Richard Herrnstein. A obra provocou uma polêmica mundial, pois os autores postulam a inferioridade do negro em relação ao branco, alegando, em defesa dessa tese, a realização de um teste de QI (Quociente de Inteligência), cujos resultados, segundo eles, evidenciam que os afro-americanos são menos inteligentes que os descendentes de europeus.

Diante dos fatos pode-se constatar que há uma propagação da ausência de uma memória positiva em relação ao negro, perpetuando-se, cada vez mais, uma memória (coletiva) repleta de dados incorretos. Tal afirmação reforça-se nas palavras de LE GOFF¹¹ quando aborda a relação entre memória e poder.

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

As instituições como a família, escola e religião, enfim, a sociedade, encarregam-se de transmitir os valores que já estão formulados e perpetuados, de geração a geração. A propagação dos estereótipos negativos em relação ao negro está presente na História, arraigados na cultura brasileira e se disseminam de várias formas.

As crenças embasadas e defendidas pelas teorias racistas perpetuam as relações humanas, até hoje. É importante ressaltar que, cientificamente, a biologia desconhece a hierarquização das chamadas “raças humanas”, não obstante, sociologicamente, no imaginário coletivo da sociedade, a hierarquia racial permanece.

Da Cor do Pecado?

Meados de 2003. As revistas e os cadernos especializados em televisão dos grandes veículos de comunicação da mídia impressa começam a noticiar que, pela primeira vez, a Rede Globo teria uma protagonista negra em um dos seus folhetins. A “novidade” causou impacto na mídia.

Muito antes de a telenovela – assinada por João Emanuel Carneiro, com supervisão de Silvio de Abreu – estreiar, a polêmica estava lançada. Não apenas pelo feito inovador de ter uma atriz negra, Taís Araújo, como protagonista de uma trama global, mas também pelo título da obra teledramatúrgica: “Da Cor do Pecado”.

Vamos iniciar a nossa reflexão pelo título “Da Cor do Pecado”, que nos dá margem a levantar algumas hipóteses, mesmo que, neste artigo, não seja possível explorar todas as possibilidades de leituras que o título da trama fornece. Para aqueles que possuem o mínimo de criticidade em relação à temática racial brasileira, uma das idéias difundidas culturalmente a que o título remete é o da relação da mulher negra como objeto da sensualidade, da lascívia. A figura representaria um dos sete pecados capitais: a luxúria. Note-se que o título da trama não é um questionamento e sim uma afirmação, o que nos leva a refletir: Por que este título, no momento em que pela primeira vez na emissora, líder mundial em produção de telenovela, está estreando uma negra como personagem principal?”.

Podemos ainda nos direcionar para uma segunda possibilidade de leitura, que também relaciona o ser negro ao pecado, a transgressão. Na Bíblia Sagrada o pecado aparece como transgressão a Deus, que representa, segundo a tradição judaico-cristã, o bem. Quem peca está do lado antagônico de Deus. É importante ressaltar que uma das teorias que justifica o racismo é baseada numa passagem bíblica do livro de Gênesis. Segundo o nono capítulo de Gênesis: Cam, filho mais novo de Noé, desrespeitou seu pai ao vê-lo despido e fazer comentários “maldosos” sobre a sua nudez com seus irmãos, por este motivo foi amaldiçoado. MUNANGA¹² comenta a origem do racismo e a relação com este mito.

A primeira origem do racismo deriva do mito bíblico de Noé, ancestrais das três raças: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra). Segundo o nono capítulo de Gênesis, o patriarca Noé, depois de conduzir por muito tempo sua arca nas águas do dilúvio encontrou finalmente um oásis. Estendeu sua tenda para descansar, com seus três filhos. Depois de tomar algumas taças de vinho, ele se deita numa posição indecente. Cam, ao encontrar seu pai naquela postura, fez, junto aos seus irmãos Jafé e Sem, comentários desrespeitosos sobre seu pai. Foi assim que Noé, ao ser informado pelos dois filhos descontentes da risada não lisongeira de Cam, amaldiçoou este último dizendo: seus filhos serão os últimos a serem escravizados pelos filhos de seus irmãos. Os calvinistas se baseiam sobre esse mito para justificar e legitimar o racismo antinegro.

A telenovela “Da Cor do Pecado”, por exemplo, a partir do título, já suscitou debates. A protagonista da trama, Taís Araújo, é Preta de Souza, uma moça negra, nascida no Maranhão, estado do nordeste brasileiro, vendedora de ervas, portadora de dignidade e honestidade, qualidades estas admiradas e respeitadas no ser humano.

Bárbara Campos Sodré, a personagem vivida por Giovanna Antonelli, é a antagonista má. Dona da falta de escrúpulos é desonesta e mau caráter. Tantos “pecados” são redimidos, em parte, pela virtude de ser branca, rica e bela, de acordo com os padrões estabelecidos na nossa sociedade. Os privilégios a colocam acima de qualquer suspeita.

Vivemos numa sociedade multirracial e a “cor” denota privilégios. Os meios de comunicação de massa confirmam esta constatação. A televisão, por exemplo, pode ser vista, como o “espelho” que melhor reflete o imaginário da sociedade brasileira. O que se mostra e se cultua na mídia como belo são os padrões cada vez mais distantes do brasileiro e próximos do ideal europeu.

Embora o autor tenha dito em entrevistas, no início da telenovela, que não iria discutir a questão racial, não é isso que temos acompanhado. Basta assistir a um capítulo para ter o que comentar sobre a questão racial no dia seguinte. O desenrolar da trama da telenovela “Da Cor do Pecado” tem gerado discussões, fora da ficção, sobre o racismo. O tema tem pautado a mídia impressa e os programas televisivos.

É importante salientar que não é possível falar em relações raciais tomando como ponto de partida apenas o comportamento do negro. É preciso entender e considerar também o sentimento do branco, pois, se existe o discriminado, é óbvio que existe o discriminador. Apesar disso, há poucos registros de estudos dando a ambos, negros e brancos, a mesma importância no processo de superação da desigualdade racial. Nessa análise é fundamental refletir, mesmo que limitadamente, algumas peculiaridades das identidades de brancos e negros no processo de socialização.

Sobre as identidades étnicas aqui especificadas – o grupo étnico branco e o grupo étnico negro – há de ser considerada a situação básica das diferenças do processo de construção de identidade dos dois grupos. Historicamente, foi introjetada no negro a idéia de inferioridade, e, em contrapartida, o branco “europeu” foi colocado como modelo universal da raça humana. Esta concepção, durante muito tempo, foi difundida e reforçada em estudos ditos científicos.

(...) o homem europeu ganhou, em força e identidade, uma espécie de identidade substituta, clandestina, subterrânea, colocando-se como o “homem universal” em comparação como os povos não-europeus.

O olhar do europeu transformou os não-europeus em um diferente e muitas vezes ameaçador Outro. Este Outro, construído pelo europeu, tem muito mais a ver com o europeu do que consigo próprio¹³.

Pretendo analisar em que se pauta o sentimento de superioridade do branco presente na nossa cultura, e, que, por sua vez, se encontra bem representado na telenovela “Da Cor do Pecado”.

Ressalto que o autor não está alheio às influências históricas e culturais do meio em que vive. Isto explica, em parte, o fato de a trama representar tão bem, através de falas e diálogos de seus personagens, comportamentos regidos pelos sentimentos de racismo e branquitude. O autor colhe situações do mundo real e as representa através da ficção. Há uma relação entre a criação das personagens, seus discursos, seus modos de pensar e a realidade na qual está inserido. Em COUCEIRO DE LIMA¹⁴ e BARBOSA¹⁵ essa idéia é enfatizada por autores como Aguinaldo Silva, Silvio de Abreu e Yves Dumont, entre outros. PALLOTTINI¹⁶ comenta sobre esta relação entre a ficção e o ponto de vista do autor:

Ao organizar os elementos ficcionais, o autor está comunicando ao público seu ponto de vista sobre determinados temas, além de simplesmente contar uma história. Mesmo no caso que não transpareça uma tese evidente – e esses casos talvez sejam a maioria – o autor, de qualquer forma, se coloca, diz qual é a sua visão a respeito do problema enfocado.

Especialmente em relação à telenovela “Da Cor do Pecado”, pretendo dar um enfoque maior às personagens Afonso Lambertini (Lima Duarte), o empresário bem sucedido e Bárbara Campos Sodré (Giovanna Antonelli), noiva de Paco Lambertini (Reinaldo Gianechinni), herdeiro do grupo Lambertini. Embora, provavelmente, o autor não tenha se debruçado nem se pautado em teorias antropológicas, sociológicas e históricas para construir o enredo teledramatúrgico, estes elementos estão presentes na sua trama, pois fazem parte do imaginário coletivo brasileiro.

Bárbara é uma moça branca, carioca, de uma classe média falida, que, a qualquer custo, quer tirar vantagem do dinheiro de seu noivo Paco, supostamente o único herdeiro do empresário Afonso Lambertini. Paco acaba desaparecendo num acidente de helicóptero logo no início da trama. Bárbara, grávida de outro homem, afirma que o filho que está esperando é neto de Afonso. O experiente empresário nem desconfia de que a moça está lhe aplicando um golpe.

Embora outras personagens tenham esboçado comportamento racista, como é o caso de Afonso Lambertini, o racismo de forma mais “agressiva” aparece nas ações da personagem Bárbara, a vilã da história. Este é um recorte nada novo nas telenovelas. O racismo

exacerbado é sempre relacionado ao mau caráter, a figura que representa o mal na trama. É como se a prática racista tivesse relação direta somente com as pessoas de reputação duvidosa.

Afonso Lambertini, por sua vez, representa o tipo de racismo “à brasileira”, considerado “menos agressivo”. Ele se esforça para ter uma aproximação com Preta, mãe de Raí de Souza (Sérgio Malheiros), garoto por quem nutre grande carinho e simpatia, pelo fato do menino ter salvo sua vida em uma situação de perigo, quando quase foi atingido por um tiro. Raí é seu neto biológico, embora ele não o reconheça como tal. Afonso é a personagem na qual, também, podemos encontrar a representação de racismo, pois, pelas diferenças biológicas e características físicas, ele faz o julgamento de valores éticos e morais dos negros que estão a sua volta.

A personagem de Taís Araújo, Preta, tem sido vítima de todas as armações de Bárbara e do seu comparsa Tony (Guilherme Weber), que trabalha no Grupo Lambertini. Os dois, porém, saem ilesos, pois contam com o privilégio de serem considerados inocentes até que se prove o contrário. Preta, ao contrário, é sempre suspeita em potencial. A personagem de Afonso (Lima Duarte) faz uma relação entre as características biológicas de Preta e um possível caráter duvidoso, o que é enfatizado, inclusive, em algumas de suas falas. Assistimos, nesse caso, a uma manifestação do racismo. É válido destacar que este tipo de comportamento e olhar explícitos em “Da Cor do Pecado” caracterizam os princípios das teorias racistas que regem a sociedade fora do âmbito da ficção. MUNANGA¹⁷ comenta a respeito do surgimento de uma destas teorias:

Insisto sobre o fato de que o racismo nasce quando faz intervir caracteres biológicos e qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais, que desemboca na hierarquização das chamadas raças em superiores e inferiores. Carl Von Linné, o Lineu, naturalista sueco, fez a primeira classificação da diversidade humana em quatro raças.

- Americano: que o próprio classificador comenta como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado.
- Asiático: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas.
- Africano: negro, flegmático, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes (despotismo), unta o corpo com óleo ou gordura, sua mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados.
- Europeu: branco, sanguíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertadas.

A classificação citada acima supõe uma hierarquia entre as denominadas raças humanas. Esta idéia de hierarquização permeia a trama de João Emanuel Carneiro e é representada, mais notadamente, nas personagens Bárbara e Afonso Lambertini.

Bárbara está acima das desconfianças de Afonso Lambertini, ocupa um lugar privilegiado. Ao contrário do que acontece com Preta, “cujas origens a condenam”. Bárbara é branca, o que a coloca numa suposta situação superior. Nem mesmo quando a vilã aparecia falida, pobre, no início da trama, esta condição representava para Afonso perigo ou motivo para desconfiar da índole da nora. O empresário não duvida de que o garoto Otávio (Felipe Latge), seja seu neto. Por outro lado, em relação a Raí, seu verdadeiro neto, ele alimenta dúvidas. Preta, ao que a trama revela, vai ser sempre suspeita até que consiga provar sua inocência. Não se trata apenas do papel da mocinha sofrida da história. A postura e o discurso das personagens em questão apontam para uma realidade presente também fora da ficção: o racismo.

Saindo do âmbito da ficção e trazendo a reflexão para a vida real, pode-se dizer que em se tratando de crimes, na maioria das vezes, o que acontece é que: o branco até provar que é culpado é considerado inocente. O negro, ao contrário: até provar que é inocente é considerado culpado. Basta recordar o caso do dentista negro recém-formado, Flávio Ferreira Sant’Ana, assassinado na Zona Norte de São Paulo, em 03 de fevereiro de 2004. De suspeito, foi transformado em culpado e morto, sem tempo de reagir ou provar sua inocência.

Na telenovela, para Afonso, Preta tem relação direta com os estereótipos negativos difundidos em relação ao negro. Muitas vezes, ele justifica o “comportamento” de Preta, fazendo ponderações do tipo: “o que se pode esperar de uma pessoa como ela? Eles são assim mesmo...”. A maneira de pensar do empresário se consolida quando aponta Tony, branco, para ocupar uma importante função em sua empresa. Todos esperavam que o cargo fosse ser oferecido a Felipe Garcia (Rocco Pitanga), mas o racismo não permitiu, pois o rapaz é negro.

É comum o negro não ser considerado um indivíduo, e sim a representação coletiva de um grupo marcado por uma estereotipia negativa. É isso que se vivencia no mundo real e é representado na ficção. De forma consciente ou não, a reprodução dos estereótipos e, conseqüentemente, o racismo e a branquitude estão presentes na televisão.

A representação do branco como padrão universal de humanidade, sua invisibilidade e neutralidade racial – a branquitude – garante-lhe um lugar confortável na sociedade. O negro, em contraposição, é reduzido a uma coletividade sobre a qual se faz relação de traços fenotípicos com estereótipos sociais e morais, culminando no racismo. “As conseqüências são inevitáveis: a neutralidade de cor/raça protege o indivíduo branco do preconceito e da discriminação raciais na mesma medida em que a visibilidade do negro o torna um alvo preferencial de descargas de frustrações impostas pela vida social”¹⁸.

Em seu artigo “Portas de Vidro”, PIZA¹⁹ explica a representação do negro por esta coletividade, e, em contrapartida, explica a neutralidade racial do branco:

(...) o lugar do negro é o seu grupo como um todo e do branco é o de sua individualidade. Um negro representa todos os negros. Um branco é uma unidade representativa apenas de si mesmo. Não se trata, portanto, da invisibilidade da cor, mas da intensa visibilidade da cor e de outros traços fenotípicos aliados a estereótipos sociais e morais, para uns, e a neutralidade racial, para outros.

Fazendo uma conexão entre ficção e realidade, pode-se encontrar na telenovela “Da Cor do Pecado”, na personagem de Afonso Lambertini, através de suas ações e seus discursos, o comportamento racista pautado na sua branquitude. Não por acaso, quando sumiu um documento importante na empresa Lambertini, o primeiro suspeito foi seu empregado negro, Felipe, mas o autor do roubo foi Tony, branco, longe de ser considerado suspeito. O intrigante, neste caso, que, mesmo depois de encontrar o documento na pasta de Tony, Afonso o manteve no cargo, sob a explicação que este se casaria com Bárbara e seria o padrasto de seu suposto neto.

Afonso até tentou rever seus “pré-conceitos”, movido pelo amor que sente por Raí, filho de Preta. A personagem de Lima Duarte até lembrou a Bárbara – durante um dos ataques racistas em que ela vincula o negro a sujeira, com frases do tipo “esta neguinha é suja” – que racismo no Brasil é crime. Mas, traído por seu imaginário, tem demonstrado práticas racistas.

Bárbara é mau caráter, desonesta, mas se aproveita da invisibilidade garantida por sua branquitude para garantir seus privilégios. Um deles é o fato de nunca ser a primeira suspeita. A vilã projeta todas as mazelas da sua personalidade em Preta. Afonso, por sua vez, embora se esforce para ter atitudes nobres, tentando se aproximar de Preta, e desvincular a imagem da moça sobre o que pensa a respeito dos negros, parece não conseguir. A primeira vítima de suas desconfianças sempre é o negro.

Para PIZA²⁰, no discurso dos brancos está presente uma invisibilidade em relação ao outro, marcado por um silêncio e distanciamento. “A racialidade do branco é vivida como um círculo concêntrico: a branquitude se expande, se espalha, se ramifica e direciona o olhar do branco”.

Analisando a telenovela “Da Cor do Pecado”, podemos dizer que as situações de racismo e branquitude são bem representadas por Bárbara e Afonso Lambertini. Constatamos que ambos se valem da invisibilidade e neutralidade do branco e da suposta hierarquização racial para justificarem e explicarem, ainda que sutilmente, no caso de Afonso, seus comportamentos em relação a Preta. Diante da relação que podemos estabelecer entre ficção e realidade, pensando na discussão e no debate sobre relações raciais, somos instigados a

pensar: “o que significa de fato ser negro e o que significa ser branco em nossa sociedade? A maior parte dos estudos sobre questões raciais responde à primeira parte da pergunta. Já sobre a segunda parte da questão há um silêncio, embora haja resposta. Como salienta BENTO, o silêncio não pode apagar o passado. O tema representa um permanente desconforto para os brasileiros e sempre emerge quando menos se espera.

O silêncio e a neutralidade do branco o coloca numa situação bastante confortável no âmbito das discussões sobre relações raciais. Desta forma, não discutimos as diferentes dimensões de privilégios que implicam diretamente na vida dos negros e dos brancos. BENTO²¹ comenta sobre os resultados negativos em relação à omissão que se construiu historicamente em relação ao papel e o comportamento do branco na temática racial:

É flagrante observar que alguns estudos das primeiras décadas do século XX focalizaram o branco, não para compreender seu papel nas relações entre negros e brancos, mas para garantir sua isenção no processo de escravização da parcela negra da população brasileira. Hasenbalg (1979) chama a atenção para o fato de que, dessa maneira, esses estudos geraram um modelo de isenção da sociedade branca e, por conseguinte, de culpabilização da população negra que tem variado muito pouco, independente das linhas teóricas de pesquisa.

O silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vem acompanhado de um pesado investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana. Quando precisam mostrar uma família, um jovem ou uma criança, todos os meios de comunicação social brasileiros usam quase que exclusivamente o modelo branco.

Considerações Finais

Esta breve reflexão restringiu-se apenas ao estudo de duas personagens: Bárbara e Afonso Lambertini. A telenovela “Da Cor do Pecado” possui elementos importantes para se fazer uma análise com diversas possibilidades de leituras em torno das relações raciais. Os conflitos presentes na trama permeiam a realidade. Na maioria das vezes, o objeto de estudo é sempre as personagens negras, não que isso não seja relevante, mas, para entender relações raciais, precisamos entender também em que se pauta o comportamento do branco.

Os estudos de FRANKENBERG, PIZA e BENTO são fundamentais porque nos auxiliam a focalizar e compreender o problema das relações raciais como um problema das relações entre negros e brancos e não como um problema do negro, como habitualmente se faz no Brasil. É “como se o branco não fosse elemento essencial dessa análise, como se identidade racial não tivesse fortes matizes ideológicos, políticos, econômicos e simbólicos que explicam e, ao mesmo tempo, desnudam o silêncio e o medo”²².

Nesse primeiro momento, este trabalho teve como enfoque as personagens brancas, Afonso Lambertini e Bárbara. O estudo dos demais personagens terá continuidade em minha pesquisa de doutorado na Universidade de São Paulo.

Finalizando esta breve reflexão sobre a representação das situações de racismo e branquitude na telenovela “Da Cor do Pecado”, quero ressaltar que não será possível a construção de um espaço de democracia racial se todos – brancos e não-brancos – não estiverem no centro das reflexões e dos debates. É preciso buscar uma reflexão sobre como ultrapassar e alterar as “consistências” oferecidas pelo cotidiano, não apenas enquanto discriminados, mas igualmente como discriminadores. O desafio é reformular não apenas as imagens que temos uns dos outros, mas também de nós mesmos.

Atuar sobre um poder, por vezes mais simbólico do que real, sobre crenças de supremacia branca, sobre valores “neutros” e “transparentes” é um esforço igual ou talvez maior do que o que se despende para apagar das mentes de pessoas discriminadas as marcas do preconceito, do medo, da insegurança e da desigualdade²³.

Notas e Referências Bibliográficas

¹ Trabalho apresentado ao NP 14 – Ficção Seriada, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Mestre e Doutoranda em Ciências da Comunicação – ECA/USP. Professora e Pesquisadora sobre questões raciais em Teledramaturgia. E-mail: lucecil@ig.com.br

³ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. RJ.Ed. UFRJ, 1997. p. 301

⁴ MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. p. 58.

⁵ MOTTER, Maria L. *A telenovela: documento histórico e lugar de memória*. Revista da USP n. 48, 2001. p.48

⁶ MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia*. p. 8

⁷ FRANKENBERG, Ruth. *The construction of white women and race matter*. Minneapolis University of Minnesota Press, 1995. p. 43-4

⁸ PIZA, Edith. Porta de vidro. Entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. p. 72

⁹ BOSI, Ecléa. *A Opinião e o Estereótipo*. Revista Contexto, 1997. p. 98.

¹⁰ COUCEIRO DE LIMA, Solange M. *A personagem negra na Telenovela brasileira: alguns momentos*. Revista USP, São Paulo, n.48, 2001. p. 13-4

- ¹¹ LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas-SP, Unicamp, 1990. p. 426
- ¹² MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade Etnia*. p. 8
- ¹³ BENTO, Maria A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. p. 31
- ¹⁴ COUCEIRO DE LIMA, Solange M. *A Identidade da Personagem Negra na Telenovela Brasileira*. Relatório Científico apresentado à FAPESP - Dezembro, 1998
- ¹⁵ BARBOSA, Luciene Cecilia. *Louca Paixão: Questões Raciais na Telenovela sob o olhar do receptor*. Dissertação de Mestrado na Escola de Comunicações e Artes; Universidade de São Paulo, 2002.
- ¹⁶ PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia de Televisão*. São Paulo: Moderna, 1998. p. 177
- ¹⁷ MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de Raça, Racismo, Identidade Etnia*. p. 9
- ¹⁸ CARONE, Iray. Breve Histórico de Uma Pesquisa Psicossocial Sobre a Questão Racial Brasileira. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. p. 23
- ¹⁹ PIZA, Edith. Porta de vidro. Entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. p. 72
- ²⁰ BENTO, Maria A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. p. 42
- ²¹ BENTO, Maria A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. p. 30
- ²² BENTO, Maria A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. p. 44-5
- ²³ PIZA, Edith. Porta de vidro. Entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray & BENTO, Maria A. S. (orgs.). *A Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e braqueamento no Brasil*. p. 72